

ARTES VISUAIS

Arte signográfica

Mário Pedrosa

Se — na arte de hoje — o elemento plástico tende a adotar aquela qualidade específica da caligrafia chinesa de ser irreparável e irremediável, uma vez lançado sobre o papel ou a tela, isto significa que algo como um *signo* é o que se procura por trás do impulso criador do artista. Atualmente, com efeito, apesar do *intermezzo* lírico decadente do "tachismo", a corrente mais profunda — e ainda não de todo explicitada e consciente — é de *inspiração gráfica*. Desde Klee que essa nova arte de signos apareceu na pintura ocidental, e desde então permanece, com altos e baixos, as mais das vezes abafada pelo brilho e sucesso de moda de pintura dita informal.

Um grande gráfico, que nos deu alguns signos magníficos pela profundidade da evocação, e, por sua força expressiva, foi Hartung. Hoje, esse mesmo artista parece, num impasse, debater-se entre a pureza ancestral do signo e a necessidade por assim dizer cultural ou social de superá-lo. Outro artista de nomeada que, provindo de algum modo de Hartung, baseia sua pintura pelo menos num ritual com algo do processo de criação do signo, é Soulages. Extremamente preocupado, contudo, em que pesem as aparências, com problemas de ordem elástica rigorosa e de técnica pictórica, principalmente a adequação funcional dos instrumentos de trabalho, pincéis de várias dimensões e larguras, qualidades de pêlo, raspadeiras, formas e materiais diversos de espátulas etc, não se entrega, largado, ao primeiro movimento do braço ou ao gesto físico solto. Corrige êle, ao contrário, o impulso inicial, o ritmo do próprio braço. Não admite criação produto do acaso, ou descarga fisiológica do gesto.

Outro pintor de renome nessa mesma linha é Vedova, que é o último rebento, numa linguagem ultramoderna, do futurismo italiano. Sua pintura é tão signográfica que quase elimina a cor: Nêle é a dinâmica físico-mental ou espiritual que compõe o quadro. Daí muitas vezes tender a chamá-la de pintura "cega". O movimento nêle tem algo de episcopal, como uma bênção. É o seu um gesto do punho, mas o artista se coloca como que no centro do mundo, ou de seu drama, de qualquer modo no ponto de confluências, a fim de nada excluir de seu alcance. O artista, costuma êle dizer, tem de ter radar na testa. Para quê? Seguramente, para antever, isto é, ver *antes* da experiência perceptiva, e assim traçar na tela signos de potência prenunciadora. Há uma espécie de prédica na sua pintura, em que o espaço é cada vez mais barroco, como num teto de igreja de Borromini.

Em Pollock, a pintura é, de início, um signo-raio que fende o espaço: impossível de ser detido. Em nenhum momento esse signo irreparável é mais visível e eloqüente do que *O abismo* (The Deep), pintura a duco e óleo sobre tela. Já uma vez cotejamos esse signo autêntico com outro de grande calígrafo japonês, Tejima, *Colapso*, que vimos na Bienal passada e de novo em Tóquio. Ambos são extremamente significativos dessa arte signográfica, que vai surgindo por trás do emaranhado de muitas telas "tachistas" e resplandece no melhor do abstracionismo geométrico, como a linguagem mais universal de nossa época.

A dificuldade com os calígrafos japoneses é de, ao partirem do ideograma não ir além e desfazer-se no simples abstrato sensível ou informe. Em Pollock, é claro, isso não é possível, pois diante dele o que há é o vazio e, como bom filho do extremo-ocidente, não parte nunca de um *a priori* nem de qualquer tradição, mas do nada para o desconhecido: à medida que pinta avança sobre as longas telas, avança e pára, e recomeça, sempre debruçado sobre a superfície que ataca ou... decora. Pollock cria assim com o signo inicial uma trama; mais do que, uma trama, um ritmo, mais do que um ritmo um bailado. Com o rastro do signo cria uma bailado, verdadeiro símbolo do emaranhado do artista inerme na teia implacável de uma civilização inumana.

O perigo dessa arte no Ocidente é o seu hermetismo individualista. Mas este na sucessão de signos, em ritmo linear bidimensional num Pollock, em ritmo espacial num Vedova, alcança a universalidade. No artista americano, a universalidade de um símbolo — o destino trágico do criador livre em nossa época; no italiano, a universalidade de uma operação mágica de decantação ou de profecia, válida em todos os meridianos.

Noticiário

Revista de arte

O pintor Valdemar Cordeiro, de São Paulo, pretende lançar brevemente uma revista de arte, para divulgação das experiências de vanguarda da arte brasileira. A revista reuniria a colaboração de todos os nomes ligados às pesquisas mais avançadas da pintura, escultura, poesia, etc.

Willys de Castro no Rio

O pintor (e poeta) Willys de Castro, de São Paulo, fez uma rápida visita ao Rio, tendo entrado em contato com o grupo neoconcreto, de que também faz parte. Willys participou do júri do último Salão Paulista, tendo desenhado para um certame um belo catálogo, cuja capa foi publicada nesta coluna.

II Festival de Arte Moderna de Macaé

O júri concedeu na sessão de pintura, o 1º prêmio (20 mil cruzeiros) a Benjamin Silva e o 2º (dez mil cruzeiros) a Leonello Berti; na sessão de gravura o 1º prêmio (dez mil cruzeiros) coube a Adir Botelho e o 2º para Hello Alberto Vaz de Melo e Maria Eugênia Sampaio (cinco mil cruzeiros, cada); na sessão de de-

senho foi dado o 1º prêmio a Edgardo Tenório e Odila Mes-triner (cinco mil cruzeiros, cada).

Prêmio de Escultura de Roma

Paris — Coube a um jovem francês, este ano, o Grande Prêmio de Roma de Escultura: Georges Jeanclos, filho de Paris e discípulo de Jeannot, Leygues e Yencesse. Georges Jeanclos obtivera ano passado o segundo grande prêmio. O tema do concurso deste ano foi um baixo-relevo para a decoração de um peristilo de teatro: "Sob as folhagens do bosque sagrado, so-nham os poetas e as Musas". — (SIEF).

Retrospectiva Yves Brayer

Nice — Realizou-se nesta cidade uma retrospectiva do pintor Yves Brayer, compreendendo 30 anos de carreira do artista. Reuniu a exposição 50 telas, 20 aquarelas e "maquettes" de cenários e costumes para o teatro e ilustrações de livros. O litoral do Mediterrâneo forma, sob certos aspectos, o traço de ligação de todas as obras de Brayer inspiradas pelas paisagens da Itália e da Espanha, e, sobretudo, pelas da Provença e de Camargue. — (SIEF).